

#cm

2

TERÇA-FEIRA



COM SEU DIAFRAGMA DE TENOR, VICENTE CELESTINO FEZ DA CANÇÃO SOBRE OS ÉBRIOS LOUCOS UM HIT NAS RÁDIOS, EM 1936, E UM BLOCKBUSTER, EM 1946

Saideira sem fim

Clássico de Gilda de Abreu com o **curió Vicente Celestino**, o longa **'O Ébrio'** (1946) comemora seus **80 anos no Festival de Ouro Preto - o CineOP** - em busca do **primeiro lugar no pódio** das maiores bilheterias do cinema nacional. **Produção pré-Embrafilme carece de dados oficiais** de espectadores. Página 2



Rodrigo Fonseca

Reprodução



O cartaz original de 'O Ébrio' (1946)

O blockbuster de números imprecisos

A praça de Ouro Preto ficou lotada na sessão de 'O Ébrio' que pode ser a maior bilheteria da história do cinema brasileiro



Inspirado em canção de sucesso dos anos 1930, 'O Ébrio' tem o ineditismo de ser considerado o primeiro longa dirigido por uma mulher no Brasil

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tem uma terça-feira toda a dispor da CineOP, mas vai ser difícil o evento mineiro registrar, nas próximas horas, comoção à altura do que se testemunhou na última sexta-feira, com a projeção ao ar livre, na praça de Ouro Preto (MG), da cópia restaurada de "O Ébrio". Foi uma celebração dos 80 anos do que periga ser a maior bilheteria do nosso cinema em todos os tempos. Duas décadas atrás, quando a produtora Alice Gonzaga, herdeira da Cinédia, a companhia cinematográfica por trás desse melodrama realistas de eixos musicais, pensou sua versão em DVD, a cifra estimada de seu sucesso era de oito milhões de ingressos vendidos.

Hoje já há estudiosos que falam em 12,5 milhões, número que supera o atual titular do pódio de arrecadação no país, a biopic "Nada a Perder" (2018), que vendeu 12,1 milhão de tíquetes à força de uma ação feita pela Igreja Universal de distribuir bilhetes entre os seus fiéis. Pesquisadores de verve crítica as-

sumem como o atual recordista de lotação de salas exibidoras "Minha Mãe É Uma Peça 3", com seus 11,6 milhões de pagantes acumulados à luz da graça de Paulo Gustavo (1978-2021), de 2019 até março de 2020 - isso enquanto os números de "O Ébrio" não saem do âmbito do mistério.

A atual lista de filmes brasileiros com mais de um milhão espectadores nos cinemas do Brasil data de 1970 para cá, e foi feita de acordo com um estudo da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) e do portal Filme B. A falta de informações precisas sobre os filmes lançados antes da criação da Embrafilme (produtora e distribuidora estatal de economia mista), aberta em 1969 e encerrada em 1990, torna difícil determinar o público de notórios sucessos das décadas de 1900 a 1960, quando apareceram "O Ébrio", o nordestern "O Cangaceiro" (1953), e a maioria das comédias com Amácio Mazzaropi (1912-1981).

Hoje, nesse levantamento da Ancine, o corte para as telas da novela da Record "Os Dez Mandamentos", de 2014, ocupa o terceiro lugar, com 11,3 milhões de tíquetes vendidos. Em quarto lugar, aparece



Reprodução

Walter D'Ávila (de óculos, à esquerda) levou a CineOP às risadas nos momentos cômicos do melodrama de Gilda de Abreu

o Capitão Nascimento em "Tropa de Elite 2" (2010), com 11,1 milhões. O quinto posto é de "Dona Flor e Seus Dois Maridos" (1976), com 10,7 milhões. Nosso ganhador do Oscar, "Ainda Estou Aqui" (2024), ficou com a décima posição, depois de vender 5,8 milhões de bilhetes.

No caso de "O Ébrio", um dos complicadores da conta é o fato de muitas de suas projeções terem

ocorrido em feiras e em quermesses, onde era difícil contabilizar o tanto de gente que se chegava para ver (e, sobretudo, pra ouvir) Vicente Celestino (1894-1968), o astro da trama. A direção era de sua companheira de vida, a atriz e diretora Gilda de Abreu (1904-1979), que foi o grande amor da ave canora cujo canto parecia os dos tenores de ópera.

Encampado pela Cinédia com produção de Adhemar Gonzaga (1901-1978), "O Ébrio" é considerado o primeiro longa-metragem sonoro brasileiro dirigido por uma mulher. Sua base foi o hit musical homônimo de 1936, onde Celes-

tino cantava "Tornei-me um ébrio na bebida busco esquecer/ Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou"). A canção, cuja composição é atribuída a seu próprio intérprete, também inspirou uma peça de teatro (ainda em 1936) e uma novela de televisão (na TV Paulista, em 1965). Ela foi lançada no terceiro disco de Celestino na Victor, gravadora onde ele permaneceu por 33 anos, até sua morte, 1968. Em seu lançamento, a versão cinematográfica desse hino da sofrência quebrou, em diversas capitais do país, os recordes de ... E o Vento Levou (1939).

Na trama, que levou a CineOP à lágrimas, Celestino é o batalhador Gilberto Silva, estudante de Medicina do interior cujo pai perdeu tudo, deixando-o na miséria. Sem apoio, Gilberto abandonou os estudos e foi para a cidade grande, onde perambulou até conhecer o bondoso padre Simão, que abriu suas portas e o ajudou a procurar emprego. Com talento musical, o rapaz compôs a música "Porta Aberta" e se inscreveu num programa de calouros numa estação de rádio, graças ao qual ganhou notoriedade e algum dinheiro para terminar seu curso de medicina. Já bem repuado em sua profissão, conheceu sua futura esposa Marieta, enfermeira no hospital. Depois de alguns acontecimentos envolvendo familiares inescrupulosos e a perda da mulher, decide viver como um fantasma, afogando-se na bebida e vagabundagem. O ápice é a sequência em canta a sua derrocada.

Na projeção em Minas, a CineOP cantarolou com Celestino, nos créditos da versão restaurada. Antes, a cidade riui a valer com a presença, no elenco, de Walter D'Ávila (1911-1996) no papel de um primo dos mais interesseiros do Dr. Gilberto.

Entre os destaques mais contemporâneos vistos na CineOP, deatam-se os curtas "Eunice Gutman Tem Histórias", de Lucas Vasconcellos, sobre uma cineasta de veia feminista incansável na produção de narrativas, e "Helena! Cinema!", de Cavi Borges e Christian Caselli, sobre a atriz Helena Ignez. Ao fim de suas atividades, esta tarde, a mostra de Ouro Preto vai exibir "Anistia 79", de Anita Leandro.

ENTREVISTA | AMAURI TANGARÁ

CINEASTA E DRAMATURGO



Divulgação

‘Desde o útero de minha mãe eu vou ao cinema’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Ao escalar quem receberia homenagens em sua 23ª edição, iniciada na segunda, o Festival de Cinema de Cuiabá – Cinemato, que segue até 5 de julho, escalou um paranaense que adotou o Mato Grosso como lar e como espaço de invenção para um cinema brasileiríssimo. Amauri Tangará virou lenda quando “Pobre É Quem Não Tem Jipe” ultrapassou as fronteiras de seu estado e correu por olhos em longínquas latitudes. Ao longo de quatro décadas de carreira, ele rodou longas, curtas e séries, ministrou oficinas de formação essenciais para a consolidação do audiovisual mato-grossense e encenou peças. Não bastasse isso tudo, e um talento que não se questiona para construir painéis humanistas sobre a potência da natureza, Tangará tem um passado de lutas que é um exemplo, com uma cruzada pessoal de amor pelo cinema que ele compartilhou com o Correio da Manhã.

Sua trajetória de expressões autorais ganha uma justa ribalta num CINEMATO cujo tema é “Migração – Mobilidade Humana e Mudanças Climáticas”, salpicado ao longo de 67 filmes de 17 estados brasileiros. Entre eles, sete longas disputam o tradicional Troféu Coxiponé na Mostra Competitiva: “Eclipse” (SP), thriller dirigido e protagonizado por Djin Sganzerla, “Dentre Nordeste e Sudeste” (SP), de Andrea Mendonça, “Filhas da Noite” (PE), de Henrique Arruda e Sylara Silvério, “Perto do Sol é Mais Claro” (RJ), de Régis Faria; “Um Olhar Inquieto: O Cinema de Jorge Bodanzky” (AM), de Jorge Bodanzky e Liliane Maia, “Cinco Tipos de Medo” (MT), de Bruno Bini, e “Memória de Elefante” (MT), de Severino Neto.

Na conversa a seguir, Tangará dimensiona a força da cinefilia.

De que maneira “A Oitava Cor do Arco-Íris” demarca a linha poética que desenha o seu cinema e a sua geografia?

Amauri Tangará - Esse foi

meu primeiro longa-metragem, filmado em 2002 e finalizado em 2004. Até hoje, quando eu o revejo me emociono muito. Eu vinha de um mergulho no cinema iraniano de Abbas Kiarostami, Jafar Panahi,

“A forma que temos é não querer imitar o cinema que fazem nos grandes centros. Temos paisagens, histórias e povos de uma riqueza exuberante e temos que trazê-los para nossas telas”

Mohsen e Samira Makhmalbaf e Majid Majidi. Isso me deu um desejo enorme que fazer um filme onde a poesia, a ternura e a coragem fossem a linha mestra da história.

O Guimarães Rosa que faz parte da sua dramaturgia, por meio da peça “Rosa Pantaneira” ainda se faz presente na sua construção de linguagem?

Sempre fui apaixonado por literatura, principalmente as que tratam dos sertões profundos, como a obra de Guimarães Rosa e de Ricardo Guilherme Dick, dentre outros, como também as obras de Eduardo Galeano, Gabriel García Márquez, Saramago e tantos outros... É claro que você acaba sempre contaminado por essas narrativas e espero que essa contaminação prossiga por todo o sempre em minha obra.

De que maneira Mato Grosso virou lar e objeto poético no seu cinema?

Cheguei em Mato Grosso em 1970 e fui morar na zona rural de Tangará da Serra. Já vinha contaminado por cinema, pois nasci numa família sertaneja, cujo pai era apaixonado por circo e minha mãe por cinema. Minha mãe, ain-

da no Paraná, não perdia filmes do Mazaropi, do Oscarito e do Grande Otelo. Grávida de mim, ela ia para a cidade de carroça ou em lombo de burros para assistir a um filme no pequeno cinema que existia na cidade de Paranaíba. Desde o útero de minha mãe eu vou ao cinema... Quando em Tangará, nos anos de 1970, inaugurou o primeiro cinema, o cine Alvorada, passou o filme da Copa do Mundo em que o Brasil foi tri campeão e eu não assisti, porque não tinha dinheiro pra pagar o ingresso. Nesse dia, eu prometi a mim mesmo, que um dia ia mostrar um filme meu num cinema da cidade. Passaram-se 17 anos e, em 1997, já vivendo em Cuiabá, fui lá mostrar meu primeiro filme, o média-metragem “Pobre É Quem Não Tem Jipe!”

Sua obra é pautada por uma delicadeza na construção de planos que ressalta os vetores da Natureza ao teu redor. Que ficções e documentários demarcam essa sua construção narrativa? Que influências te formam?

Eu sempre fui muito ligado a questões ambientais, até pelo fato de ser filho de camponeses. Na década de 1980, participei como ator de diversos filmes ambientados no Pantanal, entre eles “Curral Das Águas”, de Glória Albuês. Realizei diversos vídeos enfatizando as belezas e as tradições do interior de Mato Grosso. Tudo isso me inspirou a ter sempre em minha obra uma narrativa que enfatiza esses ambientes. Meu segundo longa, “Ao Sul De Setembro”, foi realizado na Chapada dos Guimarães, em 2004.

De que forma o Centro-Oeste hoje se reinventa na tela?

A forma que temos é não querer imitar o cinema que fazem nos grandes centros. Temos paisagens, histórias e povos de uma riqueza exuberante e temos que trazê-los para nossas telas. Não podemos nunca aceitar a alcunha de “cinema regional” e sempre enfatizar que fazemos cinema brasileiro em Mato Grosso, no Centro-Oeste.

Quais são os seus próximos planos, filmes e sonhos?

Tenho nove longas-metragens prontos para serem realizados e gostaria muito que os veículos de comunicação, principalmente as nossas TVs, abrissem espaço para que possamos mostrar nossas obras. Mato Grosso, hoje, tem uma intensa e ótima produção audiovisual que não chega ao nosso público, infelizmente!

Acusticamente impecáveis

Gravado ao vivo em 2002, o álbum que projetou 'Nada Sei' e liderou as vendas da série Acústico MTV ganha primeira edição em vinil enquanto o Kid Abelha corre o país com a turnê 'Eu Tive Um Sonho'

AFFONSO NUNES

A menos de 25 anos depois de sua gravação original, o "Acústico" do Kid Abelha — o disco mais vendido da série Acústico MTV no Brasil — ganha sua primeira edição em acetato. O lançamento em vinil duplo nas cores chega pelas mãos da Universal Music no momento que marca a volta da banda aos palcos com a turnê "Eu Tive Um Sonho", que já percorre estádios pelo país após 13 anos longe de uma grande turnê.

Gravado ao vivo em 17 e 18 de setembro de 2002, no Polo de Cine e Vídeo, em Jacarepaguá, o "Acústico" foi um marco na trajetória do trio formado por Paula Toller (voz), George Israel (violão, sax, escaleta e vocais) e Bruno Fortunato (guitarra e bandolim). O registro ao vivo chegou num momento de maturidade da banda, que completava 20 anos de carreira com a popularidade em alta.

A opção pelo formato acústico — quase todo madeira e cordas, com sopros elegantes e orquestrações de Eduardo Souto Neto em quatro faixas — foi a deixa para que o Kid deixasse para trás padrões de produção dos anos 1980 e 1990, aproximando-se de referências do classic rock americano, de bandas como Fleetwood Mac. "Antes de



Divulgação

Divulgação

Bruno Fortunato, Paula Toller e George Israel durante a gravação do especial para a MTV no Polo de Cine e Vídeo



Lançado originalmente em CD, o álbum ganha versão em vinil duplo que pode ser adquirido no site da Universal Music

disco e programa de TV, o 'Acústico' ganhou vida como um show rigorosamente ensaiado e executado com excelência — e amadurecimento para um Kid que chegava aos 20 anos de carreira com a popularidade lá no alto", atesta o jornalista musical Pedro Só.

Só destaca que esta não era exatamente a primeira incursão do grupo no formato: "Meio Desligado" (1996) já havia vendido 600 mil cópias. Desta vez, porém, o álbum alcançou patamares ainda maiores, impulsionado por uma turnê que durou três anos.

Das 19 faixas, três eram inéditas. A mais conhecida, "Nada Sei (Apneia)", de Paula Toller e George Israel, tornou-se um clás-

sico instantâneo — com Paula cantando, aos 40 anos recém-completados, versos como "Sou errada, sou errante / Sempre na estrada / Sempre distante". Outra inédita, "Meu Vício Agora", também de Paula e George, se beneficia do quarteto de cordas em seus arranjos.

O repertório inclui releituras de sucessos já conhecidos do público. "Na Rua, na Chuva, na Fazenda", de Hyldon, ganhou participação de Lenine, que, nas palavras de George Israel, "incorporou o louco" do verso "dizem que sou louco por eu ter um gosto assim". Edgard Scandurra, do Ira!, participa em "Mudança de Comportamento" e também

em "Como Eu Quero". "Quero Te Encontrar", de Claudinho & Buchecha, foi regravada sob o impacto da morte de Claudinho, ocorrida em julho de 2002, e tornou-se um dos hits radiofônicos do álbum.

A produção ficou a cargo do galês Paul Ralphen, que já era fã da banda, em parceria com Humberto Barros — dupla que já havia trabalhado junta no "Acústico" do Cidade Negra. Barros, responsável por piano, acordeão, órgão e piano elétrico, aparece em várias faixas, incluindo "Garotos", reduzida a piano e voz. Na base, Rodrigo Santos e Nani Dias (violões e vocais), Kadu Menezes (bateria) e o percussionista ar-

gentino Ramiro Musotto (1963-2009), que imprime sua marca com cuíca, berimbau e outros instrumentos.

"É um privilégio cuidar de um catálogo tão importante e celebrar uma obra que continua absolutamente atual. Me sinto duplamente honrado por estar lançando este vinil em 2026 e por ter a sorte de ter estado presente e envolvido na gravação deste álbum, em 2002, como engenheiro de som. Viva o Kid Abelha!", comemora Paulo Lima, presidente da Universal Music Brasil.

O relançamento em vinil acontece num contexto de redescoberta do Kid Abelha pelas novas gerações e de reencontro da banda com seu público original. A turnê "Eu Tive Um Sonho" marca o retorno do grupo aos grandes palcos após mais de uma década e o relançamento do "Acústico" resgata o momento em que a banda, já adulta, encontrou uma linguagem que unia sofisticação melódica e apelo pop.

O "Acústico" foi, para muitos fãs que cresceram nos anos 2000, a porta de entrada para o universo sonoro do Kid Abelha, que havia estourado nas paradas cerca de 20 anos antes.

CRÍTICA DISCO

TODAS AS MENSAGENS QUE NUNCA TE ENVIEI

POR **AQUILES RIQUE REIS***

O pop amazônico

Recatada e densa, a Grande Floresta tem seus mistérios. Própria para ser preservada em seu viço de natural beleza, ela resguarda seus amores: povos originários, matas, pássaros, onças, rios, nascentes e tudo o mais.

As gentes pouco entram naquela mata, uns por medo, outros porque nem sabem como preservá-la. Mas tem os que a invadem para conspurcar sua energia, derrubar árvores e poluir rios. A Floresta tem aptidões inacreditáveis: de seu âmago emana uma força sublime que fortalece os que a ela vêm em paz.

Agora, não sei bem se o que direi é lenda ou apenas fruto de um desejo de que assim seja... Em todo caso, segura aí: toda criança que nasce nas franjas da grande Floresta, já aparece cantando e tocando. Logo após o primeiro choro, todas recebem a visita de um emissário, enviado pelo âmago da Floresta, que as leva no cangote até suas mais recônditas profundezas. De lá, elas saem envolvidas por uma crosta que as protegerá do mal. E mais, dizem que vozinhas e mãozinhas vêm com aptidões para cantar e tocar as belezas da brenha. Crescidas,



Divulgação

Mensageira da Floresta, Raidol canta e revela a sensibilidade de sua voz em 'Todas as Mensagens Que Nunca Te Enviei'

amadurecidas e já artistas, tornam-se representantes da missão de proteger a Floresta e sua riqueza... Atenção, eu não vi, mas não duvido nada.

Mas prestem atenção, desmatadores e garimpeiros ilegais: assim como temem a Federal que os prende e taca fogo em seus apetrechos de destruição, temam também os que a representam, porque ela, a Floresta, os tem como seus protegidos, enquanto



a mesma Floresta, que vocês destroem, os repudia.

Bem, agora volto a atenção para uma de suas representantes, Raidol, artista trans-amazônida que lançou *Todas as Mensagens Que Nunca Te Enviei* (selo suave.cito), com músicas próprias compostas com parceiros. O EP vem acompanhado de uma sessão gravada ao vivo na Ilha de Mosqueiro, em Belém, quando as músicas foram apresentadas ao público.

As participações de Maderito Fora do Normal, Rebeca Lindsay e Luê fortalecem o canto de Raidol, brilhante artista pop.

Sintetizadores ajustados à guitarra e à percussão estimulam a voz poderosa de Raidol, ela que, como mensageira da Floresta, canta e revela a sensibilidade de sua voz... E a Floresta a reconhece e abençoa.

Seja cantando brega paraense ou "melody", ela tem em si o pop amazônico, dançante e arrebatador. E por mais que sintamos ares de urbanidade no seu trabalho e no de seus diversos parceiros, frutos das memórias de sua infância, vivida em Ananindeua (região metropolitana de Belém), sua voz exprime a força de uma Floresta mãe que a tudo testemunha e a tudo consagra. Creiam, Raidol é toda pop! Axé! Ouça o álbum em <https://11nq.com/823zpgg>.

Ficha técnica

Produção: Will Love; guitarra: Melina Forô; captação de voz: Studio Casa; Fotos e capa: Tereza e Aryanne; idealização e produção de arte: Josué; direção criativa e Styling: Vinny Araújo; assistência styling: Fê Pinheiro; beleza: Bella pra Jesus.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Bianca Ramoneda/Divulgação



Viva Arnaldo Antunes!

Anna Ratto lança nesta quinta (2) o single "Passe Em Casa", nova versão da canção dos Tribalistas originalmente lançada em 2002. A faixa chega às plataformas em duas versões, incluindo uma radio edit. O lançamento encerra o ciclo de releituras que a artista dedicou à obra de Arnaldo Antunes, iniciado com dois álbuns e shows que contaram com a participação do próprio compositor. A gravação foi feita no estúdio Nas Nuvens, no Rio, com os produtores Liminha e Kassin. O videoclipe tem direção, edição e animação de Pedro Colombo.

Divulgação



Um novo instrumento

Alfredo Dias Gomes lança o single instrumental "Som Da Manhã", tema que mescla bateria tradicional, handpan e vibrafone eletrônico. É a primeira vez que o músico - cuja carreira que inclui colaborações com Hermeto Pascoal, Ivan Lins e a participação na formação original dos Heróis Da Resistência - usa o handpan, instrumento metálico em formato de disco, tocado com as mãos, que produz sons etéreos e percussivos a partir de suas cavidades afinadas. A faixa tem participações de Alex Rocha (baixo) e Renan Francioni (teclados).

Vinicius Vieira/Divulgação



Sempre é tempo de Noel

O Sururu na Roda acaba de lançar o single "Conversa De Botequim", releitura do clássico de Noel Rosa e Vadico. A faixa abre caminho para "Na Linha Do Tempo", álbum comemorativo dos 25 anos do grupo previsto para julho. Em clima de jubileu de prata, o Sururu grupo revisita canções que marcaram sua história. A escolha de Noel sintetiza a filosofia que move o grupo: a conversa, a roda, o humor carioca e a memória afetiva do samba. A faixa teve a direção musical de Rildo Hora, um craque do gênero.

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES

Imagem criada com a IA Gemini Flash Image



Os cristianismos

Na filosofia, o conceito de múltiplo não nega a unidade, oposto ao de multiplicidade, que nega. Erro crasso é mencionar o cristianismo no singular, ele é múltiplo: cristianismos existem. Um deles, o de extrema direita, existe em tendências católicas e protestantes.

Uma dessas tendências se afirma na Igreja Batista Atitude. Em seis anos, de 15 igrejas em 2020, ela poderá chegar a 83 em 2026, tendo como líder o pastor pop Josué Valandro Jr., que mistura passagens bíblicas a seu gosto com mensagens de autoajuda, sempre bem-arrumado com blazer solto sobre camiseta de cores variadas.

Raízes de sua igreja foram plantadas em uma escola pública da Barra da Tijuca, onde, utilizando-se das aulas de Religião, agregou pessoas e, mais tarde, ocupou o salão de um hotel, uma casa no mesmo bairro e hoje o seu Cristo canta e dança num moderno templo com jogos de luzes, com sistema de som de última geração e com transmissão de culto via internete (errado é internet), sendo conhecida como Igreja Batista Central da Barra.

Tudo começou em uma escola pública, e por causa de uma decisão do Supremo Tribunal Federal, que aprovou expressões particulares de crenças lecionar na disciplina Religião, o que excluiu o ensino laico de Filosofia de lecionar sobre Deus ou sobre o Ser absoluto. Assim, o que foi “dado” pelo STF edificou a Igreja Batista Atitude, que defende a Bíblia acima da Constituição.

Quando escrevo “dado”, é que a realidade foi “dada” ao corpo docente conforme aulas de Religião, e o pastor pop Josué Valandro Jr. soube tirar proveito do erro do STF. Sabemos: o estado de exceção emerge de uma realidade “dada”, isto é, de uma realidade neutra, que, conforme a sua força prático-semântica de agenciamento, pode tender aos extremos, e Deus, como me diz Blanchot em A conversa infinita: a ausência de livro (p. 37), “Deus, soberania do neutro”.

A potência político-religiosa do neutro é maior porque age nos lugares menores, no cotidiano. Platão já pensava a política “entre” Maior e Menor em A república, onde a moral ascética do Estado infiltra-se no quarto da criança por meio da fábula nobre, isto é, pela representação, cuja natureza é neutra.

Cristã da extrema de direita a pertencer à Igreja Batista Atitude, ela, que defende a Palavra de Deus acima da Constituição, infiltra-se no Menor, pois leva a Palavra do Neutro, Deus. Sugiro a leitura de Blanchot (1907-2023) para que compreendamos melhor o neutro em Michelle Bolsonaro.

A potência político-religiosa do neutro é maior porque age nos lugares menores, no cotidiano



Como bom pernambucano, Alceu Valença bebeu da fonte inspiradora de Luiz Gonzaga e construiu uma trajetória notável na MPB

Oitentou na telinha com Alceu Valença

Canal Brasil exibe dois documentários sobre o cantor e compositor pernambucano nesta quarta, dia de seu aniversário de 80 anos

AFFONSO NUNES

No dia em que completa 80 anos, Alceu Valença ganha uma sessão dupla na televisão. O Canal Brasil preparou uma programação especial para esta quarta-feira (1º), com a exibição do documentário “Alceu Valença – Na Embolada do Tempo” (2019), seguido do concerto “Valencianas” (2014), no qual o artista é acompanhado pela Orquestra Ouro Preto num encontro memorável. A maratona começa às 14h e ocupa a tarde do canal.

Nascido em São Bento do Una, no agreste pernambucano, Alceu Paiva Valença completa oito décadas em 2026 com uma trajetória que poucos artistas brasileiros podem ostentar. São mais de cinco milhões de discos vendidos e quase 55 anos de carreira — número que impressiona ainda mais quando se lembra que ele quase não foi

músico. Formado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, chegou a trabalhar como correspondente do Jornal do Brasil antes de abandonar de vez a toga e a redação, em 1969, para se dedicar à música.

Aposta que, felizmente, deu certo (e muito!). Nos anos 1970, Alceu foi um dos pioneiros a fundir a guitarra elétrica com os ritmos nordestinos — baião, frevo, maracatu, forró. Soube modernizar a sonoridade da região sem abrir mão de suas raízes. Produziu clássicos de nossa canção popular como “Anunciação”, “La Belle de Jour”, “Tropicana”, “Girassol” e “Sino de Ouro”.

“Valencianas” (2014) prova a capacidade de Alceu em dialogar sua obra com estilos mais formais como a música de concerto. Gravado no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, o show celebrava os 40 anos de carreira do artista. São 14 faixas em que Alceu é acompanhado pela Orquestra Ouro Preto, sob

regência do maestro Rodrigo Toffolo e arranjos do violinista Mateus Freire. A formação mescla guitarra, baixo, bateria, sanfona, marimbau e rabeca às cordas da orquestra mineira — ao agreste visitou o universo erudito com graça e rara beleza.

Dirigido por Paola Vieira, “Na Embolada do Tempo” percorre mais de 45 anos de carreira com depoimentos, imagens de arquivo e registros de uma turnê realizada em 2018. O longa-metragem dedica atenção especial ao início dos anos 1970, quando Alceu despontou num cenário musical que ainda tinha resistência à música nordestina nos grandes centros, e à parceria com Elba Ramalho, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo no projeto “O Grande Encontro”, que lotou teatros pelo país nos anos 1990.

Alceu fez de sua obra uma ponte vibrante entre a tradição dos repentistas, aboiadores e poetas do agreste que ouvia na infância em Pernambuco com a tradição da música popular brasileira. Seu avô organizava saraus que despertaram nele o gosto pela palavra e pelo canto. Aos cinco anos, já havia participado de um concurso infantil no Cine Teatro Rex, cantando frevo de Capiba — um prenúncio do que viria. Não é exagero afirmar que Alceu é influência marcante na geração de Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, expoentes do movimento Manguebeat.

Além da exibição dos dois documentários, Alceu está em turnê pelo Brasil com o espetáculo “80 Girassóis”, que passa por dez capitais ao longo de 2026 celebrando as oito décadas de vida e as mais de cinco de música. O nome da turnê ecoa um de seus maiores sucessos — e também a imagem que melhor define o pernambucano: um artista que insiste em olhar para o sol sem perder o chão.



Em cena, Camilo Ricardo, Ducco Baggio, Henrique Lott e Tchella Queiroz conduzem o público por três histórias independentes, unidas pela mesma inquietação

O que o tempo tira de nós?

‘Corpos em Expurgo’, com texto e direção de Klever Schneider, reflete sobre as marcas que o tempo deixam nos corpos, memórias e relações humanas

O que o tempo tira de nossas vidas? A pergunta, que caberia numa conversa entre amigos num fim de tarde, é o ponto de partida do espetáculo “Corpos em Expurgo”, nova montagem da Companhia Fragmentos do Baú que estreia nesta sexta (3) no Espaço Rogé-

rio Cardoso, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. Com dramaturgia e direção de Klever Schneider, o espetáculo investiga as marcas que o tempo — e a velocidade da vida contemporânea — deixam no corpo, na memória e nas relações afetivas.

Em cena, Camilo Ricardo, Ducco Baggio, Henrique Lott e Tchella Queiroz conduzem o

público por três histórias independentes, unidas pela mesma inquietação: a forma como o tempo transforma — ou deforma — a existência. Na primeira, intitulada “Hiato”, um homem se dá conta de que a correria cotidiana o afastou da capacidade mais elementar de respirar e reparar no que está à sua volta. O personagem vive imerso na velocidade,

até perceber que perdeu o contato com o banal — com aquilo que, justamente por ser banal, sustenta a vida.

Na segunda cena, “Biotério”, a perspectiva muda de figura: um homem-rato vive submetido a regras e estímulos que o transformam gradualmente numa criatura incapaz de distinguir instinto de identidade. Como uma cobaia num experimento sem fim, o personagem questiona onde termina a submissão e começa a escolha — e se ainda existe escolha.

Na terceira e última, “Infiltração”, uma mulher atravessa uma porta e se vê diante de lembranças da infância que julgava enterradas, mas que insistem em ocupar o presente. A memória, aqui, não é refúgio: é território a ser revirado.

As três cenas propõem um jogo de olhares entre palco e plateia: quem observa quem? Entre um quadro e outro, vozes gravadas de pessoas reais respondem à pergunta-título — “O que o tempo tem tirado de você?” — num mosaico sonoro que amplifica a dimensão coletiva da experiência. O público também é convidado a responder à mesma pergunta ao chegar ao teatro, num registro que alimenta a dramaturgia viva do espetáculo.

“O que é expressado todos sabemos, mas ao expurgar e purificar, tornamos ainda mais visível o que insiste ficar adormecido ou escondido.” A montagem aposta numa atmosfera que mescla suspense e mistério, com estética que evoca um cenário pós-apo-

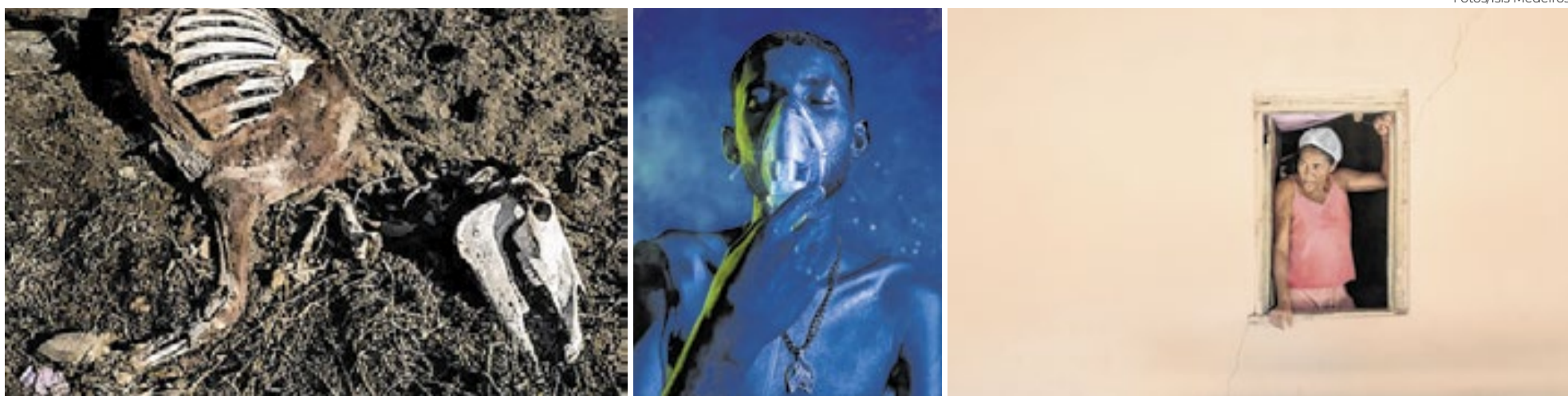
calíptico — sem perder de vista a delicadeza das questões que levanta. Ao longo dos três quadros, o espetáculo borda temas como a falta de tempo, o excesso de cobranças, as opressões invisíveis do cotidiano e as memórias que carregamos sem perceber. São situações distintas, facilmente reconhecíveis por qualquer pessoa: ao acompanhar os personagens, a plateia é levada a revisitar experiências próprias, encontrando paralelos entre o que acontece em cena e diferentes momentos de suas vidas.

“Corpos em Expurgo” dialoga com o debate corrente sobre saúde mental, ritmo de trabalho e a sensação generalizada de esgotamento, temas recorrentes em conversas cotidianas e que chegou às pesquisas acadêmicas. Ao transpor essas questões para o palco numa linguagem sensorial e poética, a peça oferece um respiro — um convite à pausa, à escuta e à respiração. Em comum, a constatação de que, apesar de tudo, alguma coisa insiste em resistir — e que talvez seja justamente isso que valha a pena levar para o palco.

SERVIÇO

CORPOS EM EXPURGO

Espaço Rogério Cardoso — Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)
De 3 a 26/7, sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



O projeto se desdobra em fotografia documental, audiovisual, pesquisa, escuta de territórios e uma exposição itinerante

O outro lado da transição energética

Fotografia documental de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha

AFFONSO NUNES

O Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, é conhecido pela tradição de ceramistas e pela paisagem de serras e veredas. Mas há um novo elemento transformando a região: o lítio, mineral essencial para baterias de carros elétricos e celulares, e alvo de uma corrida que envolve mineradoras brasileiras e multinacionais. É esse cenário que a fotógrafa e documentarista mineira Isis Medeiros registra em “Zona de Sacrificio: do ouro ao pó”, exposição que abre nesta quinta-feira (2), na Galeria Mestre Vitalino, no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan), no Catete.

Primeira mostra individual de Isis na cidade, “Zona de Sacrificio” é fruto de dois anos de trabalho com base em Araçuaí e Itinga, dois dos 54 municípios do Vale do Jequitinhonha atingidos pela mineração. O projeto foi contemplado pelo Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (17ª edição) e se desdobra em fotografia documental, audiovisual e uma exposição itinerante — em início do ano, passou pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, em Araçuaí.

As imagens registram o contraste entre a vida cotidiana das comunidades e a presença das mineradoras: montanhas de rejeitos, crateras abertas no solo, o pó que se espalha e, à noite, a iluminação artificial das máquinas rompendo a paisagem. A exposição também inclui peças do acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, conectando a produção cerâmica tradicional da região ao contexto documental.



O título da mostra remete ao conceito de “zonas de sacrificio” — áreas onde a exploração econômica é priorizada em detrimento do meio ambiente e da qualidade de vida da população. O Brasil ocupa hoje o 6º lugar no ranking mundial de reservas de lítio, mineral considerado estratégico para a transição energética global. “O que me inquieta é essa nova corrida mineral ser apresentada como parte de uma ‘transição energética verde’, enquanto no território o que aparece são poeira, explosões, pressão sobre a água e impactos diretos na vida das pessoas”, afirma Isis.

No dia da abertura, será exibido o documentário “Chico”, de Augusto Gomes e Isis Medeiros, que acompanha a perspectiva de Chico do Poço das Antas, liderança comunitária de Itinga. Na sexta (3), às 16h, ocorre a Roda de Confluências, com participação de Ana Carolina Nascimento (CNFCP), Sandra Benites (Funarte), Chico, Tatiana da Costa Sena (IFNMG) e Helena Taliberti (ICLT), com mediação de Gabriela Sarmet.

Isis Medeiros, que também é autora do fotolivro “15:30” (2020), sobre o rompimento da barragem da Samarco/Vale-BHP em Mariana, tem trabalhos nos acervos do MASP, da Biblioteca Nacional da França e do Instituto Moreira Salles. A curadoria da exposição é de Carol Lopes.

SERVIÇO

ZONA DE SACRIFÍCIO

Galeria Mestre Vitalino — Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179) | De 2/7 a 1/11, de terça a sexta (10h às 18h), sábados, domingos e feriados (11h às 17h) | Grátis